

CONSTRUTO IDENTITÁRIO DO SUJEITO TSE: ESCRITA DE SI, DISCURSO(S) E REPRESENTAÇÃO(ÕES)

TSE SUBJECT'S IDENTITY CONSTRUCT: SELF WRITING, SPEECH (ES) AND REPRESENTATION (S)

Maria Aparecida da Silva Santandel 1

Resumo: O propósito deste trabalho é refletir sobre como o acontecimento da implantação do Sistema de Planejamento e Diário Online ocorrido nas escolas da rede estadual de Mato Grosso do Sul contribuiu para o construto identitário dos servidores públicos – Técnicos em Secretaria Escolar, capacitados pelo Programa Profucionário. Análiso a materialidade linguística, a escrita virtual desses sujeitos postada no Formulário online Google Drive. Problematizo possíveis representações desses profissionais a partir dos discursos e das relações que estabelecem com outros discursos. O corpus é constituído por recortes de discursos, postados durante o acontecimento da implantação do Sistema Oficial de Planejamento e Diário Online. O quadro teórico-metodológico é de linha francesa da Análise de Discurso, pautado nas contribuições advindas das obras de Pêcheux (1988), Foucault (2004), Coracini (2003) e Lévy (1993). Os resultados emergem a representação do Técnico Escolar como sujeito que se encontra à margem e sem voz, enquanto servidor público “não-docente”.

Palavras-chave: Discurso. Identidade. Representação. Escrita Virtual.

Abstract: The aim of this paper is to reflect on how the event of the implementation of the Online Planning and Diary System occurred in the schools of the state of Mato Grosso do Sul contributed to the identity construct of public servants - School Secretariat Technicians (TSE), trained by Profucionário Program. I analyze the linguistic materiality, the virtual writing of these subjects posted on the online Google Drive Form. I question possible representations of these professionals based on the discourses and the relationships they establish with other discourses. The corpus consists of clippings of discourses, posted during the implementation of the Official Online Planning and Daily System. The theoretical and methodological framework is grounded on the French Discourse Analysis, based on contributions from the works of Pêcheux (1988), Foucault (2004), Coracini (2003) and Lévy (1993). The results emerge the representation of the School Technician as a subject who is at the margins and without a voice, as a “non-teaching” public servant.

Keywords: Discourse. Identity. Representation. Virtual Writing.

Introdução

A temática que envolve sujeitos considerados da e na margem tem sido nosso interesse e, por isso, nosso objeto de pesquisa. Moviada pela singularidade do momento histórico em que vivemos – considerando o espaço escolar e, em especial, a dinamização tecnológica que, com ele, entrelaça-se nas redes públicas de ensino – sinto-me instigada pelo desejo de problematizar o discurso do sujeito que está inserido nesse contexto e diretamente recebe o arcabouço teórico e metodológico das políticas educacionais, alicerçados pelo fomento das formações continuadas pautadas pelo discurso institucional.

Não é meu foco o professor em sala de aula, mas o sujeito que está na borda do processo educacional, Técnico em Secretaria Escolar (doravante, TSE), que denominaremos, conforme sua própria discursividade, de “não-docente”¹. Este trabalho tem como objetivo discutir como o acontecimento da implantação do Sistema de Planejamento e Diário *Online*², ocorrido nas escolas da rede estadual de Mato Grosso do Sul, enquanto política de gestão institucional e escolar, contribuiu para o construto identitário dos servidores públicos TSEs³, capacitados pelo Programa Profucionário⁴.

Tenho por meta examinar o processo identitário instaurado nos discursos, cuja materialidade linguística, neste caso, a escrita desse sujeito postada no Formulário *online Google Drive*, espaço virtual que integra as Tecnologias de Informação e Comunicação, norteou as reflexões, considerando a perspectiva discursiva de que “fala é um conjunto de sons sistematicamente articulados e significativos. Ela é uma forma de produção textual para fins comunicativos” (MARCHUSCHI, 2003, p. 25). Ao entrar no campo das possibilidades de interpretação e de seus limites, sigo a esteira foucaultiana na perspectiva do sujeito permeado pelas relações de saber/poder, no interior das dimensões do imaginário social.

Nesse sentido, estão presentes as contribuições de Pêcheux (1988), Foucault (2004), entre outros, na forma de conceituar o sujeito. Esse sujeito, concebido como discursivo, moldado pelas condições de produção que perpassam a ideologia e política, e, como consequência, manifesta-se sempre envolto por “máscaras” que “caem” no processo de enunciação conforme a tessitura do dizer. Logo, o sujeito que emerge nas reflexões é o sujeito não cartesiano, não completo e não dono de seu dizer e que a todo o momento manifesta-se como “cindido” e “clivado” (CORACINI, 2007, p. 169). Para nós, linguistas da AD, a representação presente na língua/escrita é importante por considerar que o social não é correlato, ele é constitutivo, permitindo análise do contexto histórico-social (ORLANDI, 1996, p. 27).

Historicamente, os servidores “não-docentes” da educação básica no estado de MS, assim como no restante do Brasil, tiveram que realizar ações, gerenciamentos, em busca de resultados que contribuíssem para a sua identidade como sujeito administrativo, com qualificação necessária para o crescimento profissional dentro do espaço escolar e fora dele.

Diante desse contexto, considerando as suas abordagens epistemológicas, utilizo, como base teórico-analítica, a noção de “representação” como estrutura e processo, em sua discur-

1 Em alguns documentos, como o Projeto do Curso, o termo “não docente” encontra-se utilizado sem uso do hífen. Na pesquisa, apresento o termo não-docente com o uso do hífen para mobilizar a importância semântica linguística que ora apresentamos no construto identitário do sujeito STE, especificamente. A denominação “não-docente” também impera o peso semântico de exclusão: o que não é diretor, não é professor, não é coordenador. Esse uso não é unânime em artigos e em documentos oficiais, uma vez que, discursivamente, referem-se também a eles como “funcionários de escola”, “funcionários da educação”, “trabalhadores da educação básica”, “servidores” “administrativos” e, conforme consta no edital de um dos últimos concursos públicos da rede estadual de ensino do estado de MS, para Secretários Escolares (MATO GROSSO DO SUL, 2011, p. 01), “Assistentes de Atividades Educacionais”.

2 Utilizo metodologicamente a sigla SPDO para sinalizar Sistema de Planejamento e Diário Online, em referência ao modelo online padronizado e instituído pela Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul nas escolas a partir de maio de 2012.

3 As reflexões iniciais deste trabalho foram apresentadas no V Colóquio Internacional de Estudos Linguísticos e Literários, ocorrido entre 13 a 15 de junho de 2018, na Universidade Estadual de Maringá (PR), na comunicação intitulada “Técnicos em Secretaria Escolar: identidade(s) na virtual(idade)”.

4 Programa de Formação dos Servidores da Educação Básica contempla cursos técnicos da Secretaria de Educação Básica (SEB/MEC), implementados em MS no primeiro semestre de 2007 e em mais doze estados: Acre, Alagoas, Bahia, Ceará, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Paraíba, Rio Grande do Norte, Rondônia, São Paulo e Santa Catarina (SANTANDEL, 2012, p. 14).

sividade, constituída pelo tripé foucaultiano e sua importância nas relações de poder. Para estudar a construção identitária do servidor público “não-docente”⁵, trago reflexões de sujeito que é, ao mesmo tempo, o mesmo e diferente. Esse sujeito, conforme Coracini (2003, p. 24), é um “indivíduo que se torna sujeito de seu discurso por sua singularidade, por seu modo de ser e de mobilizar esse mundo por meio da linguagem”.

Nessa amplitude do discurso e, ao mesmo tempo, nessa sua singularidade produzida no e pelo discurso, move-se a materialidade linguística que permite estudarmos a ilusão do sujeito como “origem” cartesiana e como os sentidos são produzidos e circulam, trazendo à cena a rarefação – princípio da inversão para contemplarmos o quanto a escrita e a língua estão ligadas por ações de subjetividade (FOUCAULT, 1990).

Teoricamente, partimos da hipótese de que o acontecimento da implantação do Sistema de Planejamento Diário *Online* (doravante, SPDO), fomentado pelo discurso institucional estadual, não contribuiu para o construto identitário do TSE, conforme proposto pelo curso Profucionário, mas contribuiu para estabelecer as relações de saber/poder do profissional servidor técnico, impondo-lhe uma identidade periférica.

Busco, neste trabalho⁶, problematizar a construção dos efeitos de sentidos presentes nos discursos dos servidores públicos TSEs e, assim, identificar os efeitos de verdade que emergem do inconsciente, durante os chistes e lapsos – *lalíngua*⁷ - (LACAN, 1985, p. 188), o ser falante - *falasser* - (LACAN, 1974-75), bem como mostrar a configuração discursiva da representação identitária que a escrita de si constrói acerca da formação recebida pelos respectivos sujeitos, que atuam nas unidades escolares da rede pública de ensino do Estado de Mato Grosso do Sul.

Nesse sentido, problematizo as possíveis representações desses profissionais, a partir dos discursos e das relações que estabelecem com outros discursos, bem como os efeitos de sentido e de subjetividade emergentes. Para tanto, o *corpus* é formado por recortes de discursos dos TSEs, postados durante o acontecimento da implantação do SPDO, realizado pela Secretaria de Estado de Educação (SED) de Mato Grosso do Sul e instituído em todas as unidades escolares da rede estadual de ensino.

O campo teórico-metodológico é de linha francesa da Análise de Discurso (AD), pautado na arqueogenealogia foucaultiana, que investiga a natureza do poder a partir de discursos produzidos na sociedade numa dada época, num dado momento, numa condição de produção específica⁸ fomentados por formações discursivas e sempre abarcando as perspectivas de abordagens de acontecimento, de relações de saber/poder, de subjetividade, articuladas com as propostas dos estudos culturais. Seguindo a esteira de Nolasco (2016, p. 08),

[...] não basta às teorias do discurso e às demais teorias críticas das margens estabelecerem um lócus de discurso crítico de enunciação diferencial *a partir da fronteira*, mas presas no *interior* de conceitos e de discursos críticos articulados dentro da epistemologia moderna.

Nessa perspectiva, os Estudos Culturais promovem diferentes diálogos epistêmicos considerando a exterioridade/subjetividade ultrapassando a esfera eurocêntrica. Assim, as possibilidades de novas pesquisas, novas interpretações estão sempre à disposição dos que se lançam sobre esses arquivos, mobilizando a rede e teias discursivas, e, desse modo, (des)cons-

5 “Conforme citado pela Câmara de Educação Básica – CEB do Conselho Nacional de Educação – CNE, no Parecer nº 16/2005, o termo “não docente” aplica-se, no documento, aos “funcionários de escolas” que desenvolvem funções educativas “não docentes”. Esperamos, portanto, não reproduzir ou reforçar tal efeito de sentido” (SANTANDEL, 2012, p. 12).

6 Aprofundamos a vertente de análise do construto identitário presente na tese de Mestrado, intitulada **Marcas da escrita virtual em fotolog**: (des)identidade, (dis)curso e memória (SANTANDEL, 2012), cujo enfoque é o SPDO (Sistema de Planejamento e Diário Online).

7 Milner (2012, p. 15) afirma que a *lalíngua* é, “em toda língua, o registro que a consagra ao equívoco”.

8 Conforme Orlandi (2009, p. 40), “As condições de produção implicam o que é material (a língua sujeita a equívoco e a historicidade), o que é institucional (a formação social, em sua ordem) e o mecanismo imaginário”.

truindo⁹, problematizando os saberes do que é dito como “verdade”, dentro da perspectiva de escavação da língua/linguagem.

Seguem, abaixo, as teorias que sustentam essa reflexão com abertura para interpretações outras.

Construto Identitário e virtual(idade)

Ao trazer o conceito de “construto identitário”, faz-se necessário entender o processo de construção de identidades em seu sentido epistemológico. Para nós, linguistas, todo construto identitário está relacionado à dinâmica entre linguagem e sociedade, conforme a época vigente, e que direciona a chamada “via de mão dupla” porque, em cada época, o sujeito é envolvido no contexto social/cultural/ideológico. Nesse contexto, é considerado – mesmo que sutilmente – um sujeito padronizado, ritualizado, em que o individual sofre a subjetivação e incorpora novos comportamentos que são absorvidos também no coletivo. O sujeito nunca terá o mesmo discurso porque depende da época, local e contexto das condições de produção.

Na AD, considera-se que o construto identitário, apesar de suas brechas, inserções discursivas emitidas pelo sujeito linguístico, não ocorre de forma homogeneizante, mas, sim, pelos processos históricos e sociais que promovem a condição contextual necessária para que ocorra o resultado de formas estruturais e de organizações sociais específicas para cada sujeito. É devido a essa clivagem que, na identidade pós-moderna, o sujeito não é centrado, único, não tem “uma identidade fixa, essencial e permanente”. A identidade torna-se “formada e transformada continuamente” (HALL, 2005, p. 13).

Se a identidade é algo que está em condição de fluidez, de opacidade, de porosidade, autoriza-nos dizer que tratarmos o sujeito na perspectiva discursivo-desconstrutivista implica considerarmos seu contexto sócio cultural, bem como as circunstâncias discursivas que permitem seus deslizos e suas nuances de vontade de verdade.

O sujeito pesquisado é perpassado pelo discurso institucional e fomentado pelo contexto tecnológico, por isso, abordo, neste trabalho, o conceito de construto identitário sempre na perspectiva da problematização das relações de poder/saber, conforme esteira foucaultiana. O contexto educacional, de uma forma geral, está permeado pelo desenvolvimento tecnológico estimulado pelo avanço das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), cuja presença direciona ações e estimula o uso de ferramentas de apoio a educação e atuação profissional. Esse viés tecnológico é motivo de reflexão, uma vez que move diferentes efeitos de sentido.

Nessa perspectiva, as TICs são utilizadas como mecanismo de suporte, em que a escrita virtual possui especificidade em sua materialidade, da qual emergem vozes nesse movimento de escritura em que “o corpo fala”, a denominada corpografia do pensamento conforme estudos de Dias (2008). Logo, não faremos explorações técnicas e metodológicas quanto ao ciberespaço porque o nosso foco é a escrita/língua – a virtual(idade) – enquanto materialidade e tecnologia do poder, que enlaça reflexões possíveis na vertente da AD, dando vez e voz ao sujeito “servidor não-docente”, em especial, ao TSE.

Conforme Orlandi (2011, p. 8), “O clique que nos lança na rede é um gesto simbólico revestido e investido de sentido. Isto faz do mundo virtual um espaço politicamente significado”. Assim, analiso e interpreto os lapsos, as falhas (os chamados “erros” da escrita virtual), os silenciamentos, os sinais gráficos, enfim, as marcas que constituem a materialidade da escrita virtual, espaço ou lócus onde o sujeito significa.

Em cena: fios discursivos e representação(ões)

Para iniciar a análise dos dados, contextualizo a metodologia utilizada. Registro que a sigla R designa (recorte) para identificar o discurso analisado, seguida da numeração arábica em ordem crescente, conforme a sequência em que os discursos aparecem no *site* pesquisado (Formulário do *Google Drive*). O *corpus* é composto por “recortes” da escrita virtual, aqui concebidos conforme a proposta de Orlandi (1987, p. 139): uma “unidade discursiva, fragmento correlacionado de linguagem e situação”. Tais recortes da escrita virtual são norteados pelas

9 Conforme esteira de Derrida (1967, p. 294).

condições de produção, em especial, o acontecimento da implantação do SPDO no município de Três Lagoas/MS.

Os recortes contendo a escrita virtual, materialidade linguística utilizada nesta pesquisa, originam-se como resultado de uma formação que todos os TSEs receberam durante uma webconferência, transmitida a todos os municípios jurisdicionados, realizada nas dependências do Núcleo de Tecnologia Educacional de Três Lagoas (MS). Nesse encontro de formação, os servidores públicos, já intitulados “Técnicos em Secretaria Escolar”, formados nas turmas referentes a 2007-2010, foram convidados a deixar seu comentário (escrita de si e do curso) no Formulário do *Google Drive*, como parte integrante da finalização da formação. Na materialidade analisada, movem-se confissões, que estimulam o ato de problematizar, pelo fio da linguagem, os desvios presentes no dizer dos sujeitos técnicos que contribuíram para a identidade de entre lugar, fluida.

A seguir, em cena, a trama da materialidade:

(R1) **Hoje vejo** que a **formação** que **tive** [...]

(R2) A **formação** que **tive contribuiu** para aumentar meus conhecimentos [...].

Em R1, a expressão “**hoje vejo**” sinaliza o entre lugar que o sujeito técnico assume em relação ao antes e à posteridade: ao usar o marcador temporal “hoje”, associado ao presente do indicativo de um verbo de pendor avaliativo, o sujeito posta-se em um presente durativo. Ao enunciar “**hoje vejo**”, infere-se, no discurso, a agregação de poder/saber (FOUCAULT, 2004), cujo efeito de sentido desloca-se para além da formação recebida, alcança o patamar dos valores como consequência do conhecimento “adquirido”, que permite a ilusão de verdade enquanto zona de pertencimento – ser visto pela horizontalidade: a cultura da homogeneização escolar. Ao sinalizar que “vê” também é “visto”. Nesse discurso está presente a relação que estabelece com o *Outro* – a alteridade.

O verbo no tempo pretérito perfeito simples do indicativo “**tive**” é representado como uma situação temporal/espacial, segundo Neves (2000), como um “agora” identificado como tempo/lugar “conquistado”, que remete ao sujeito do passado, do ontem, que, por isso, aponta para um tempo/espço “esperado”, representado pelo uso do verbo no infinitivo – “aumentar”. Perpassa o efeito de sentido que se insere nos discursos que delegam dispositivos de poder. Esse uso do verbo regular “aumentar” marca o sujeito ingresso na memória discursiva (CORACINI, 2003) e remete perspectiva, como sujeito técnico, de exercer o poder durante suas atividades rotineiras enquanto gerenciador dos dados de toda a escola. Assim é constituída a imagem do “ser técnico” na unidade escolar com o advento do SPDO, com a representação do sujeito “qualificado”, sujeito que integra a espetacularização, pois, ao fazer suas atividades de “Técnico Escolar” no contexto virtual, padronizado, gerenciado, estabelece atitudes de saber/poder justamente porque “outros não têm esta habilidade”.

É acionado, nesse momento em que adquire o conhecimento para tal atividade, o processo de inclusão e exclusão, ao mesmo tempo em que o “espaço virtual” adquire o efeito de vigilância conforme concebido por “Panóptico de Jeremy Bentham” e utilizado por Foucault (2004) para designar instrumento de poder, com seus efeitos de autodisciplina e autorregulação, que faz com que os sujeitos estejam em conformidade com as regras que foram estabelecidas para eles, dentro de determinado espaço e situação, sutilmente controlando as atividades (FOUCAULT, 2004, p. 144).

Ao falar de si, promove o efeito de sentido das políticas públicas promovidas pela Secretaria de Estado de Educação/MS e mobiliza, no discurso, a identidade do sujeito agenciado, de acordo com Lévy (2007), transferindo o teor de servidor como “mão de obra plurivalente” quando articula o uso dos advérbios “**hoje**”, apropriando-se do efeito de sentido enquanto diferente de antes. Assim, reforça que ele pode (tem o poder) para trabalhar usando os recursos impressos (real) e os recursos online (virtual), por fazer parte da autoridade de poder que o constitui – já que detém “**hoje**” o saber.

O operador temporal hoje é, para Neves (2000, p. 258), um advérbio de tempo fórico porque indica uma circunstância que se refere ao momento da enunciação, numa escala de proximidade temporal, e se encontra ligado ao enunciador, promovendo uma representatividade do sujeito, alcançada, no caso em análise, com sua atuação como mediador do sistema

online, o SPDO.

Portanto, o operador temporal “**hoje**” acompanhado do verbo na primeira pessoa do singular “**vejo**” permite o discurso escrita/língua do eu, direcionando para a borda e possibilitando que ocorra a mostra do *outro*, da *alteridade*, uma vez que o sujeito se objetiva e é objetivado. Esse eu que é atravessado pelo discurso positivista de realização é moldado pelo direito do saber, conforme esteira de Foucault (2004), porque esse saber é resultado do desejo de verdade que perpassa o sujeito que recebeu a formação. Essa formação é, a todo o tempo, questionada, solicitada, checada, se considerarmos a necessidade do cumprimento de regras, de rituais, propiciados pelo momento de reestruturação burocrática normativa *online* que envolve a educação brasileira, em especial, o estado de Mato Grosso do Sul.

O uso do verbo “**ver**” no presente do indicativo marca o sujeito em dado momento histórico, presente, vinculado ao SPDO, que se move do campo do imaginário e passa para o campo do real, contendo a ilusão da verdade, a ilusão do torna-se verdadeiro, concretizado em decorrência do processo de globalização e aprofundamento das tecnologias de comunicação vivenciado nas políticas públicas de forma geral. Essa simultaneidade de espaços provoca no sujeito a ilusão, a hibridação dos espaços, onde o espaço *online* e o presencial se misturam e se tornam possíveis ao sujeito dizer-se, nessas duas instâncias, participante do acontecimento, instaurando o que conceitua como o *sujeito prêt-à-porter*: o sujeito “pronto para ser usado como objeto do outro” (RIGHI; AMARANTE, 2015, p 77).

Em contrapartida, o verbo “**ter**”, no pretérito perfeito, produz efeito de sentido de que a instância governamental cumpriu seu papel, se considerarmos a percepção positivista. Eclode também, em cena, o fazer pedagógico na escola, moldado pelo discurso institucional da “qualidade da educação”.

Ao mesmo tempo, outros sentidos, sutilmente cristalizados, são silenciados (aquele silêncio que fala): sistematização de dados ofertados em tempo real como “segurança de informação”, tanto para a comunidade escolar interna quanto para a externa, condição regimentar, disciplinar, divisões de tarefas para diferentes segmentos escolares, padronização de ações dos profissionais da educação dentro da instituição escolar – sinalizado pelo efeito Panóptico (FOUCAULT, 2004) no sistema *online*.

Por meio do advérbio temporal “**hoje**”, o servidor “fala como Técnico”, carregando a autoridade que “ser Técnico lhe permite”, no sentido de que, com o SPDO, o servidor – Secretário Escolar – contribui com a dinamização burocrática da escola, ao mesmo tempo em que colabora com os demais (em que se incluem os docentes) para assegurar a inserção dos dados corretamente, promovendo *feedback* junto aos alunos, aos pais e à direção, garantindo, em tempo real e com mínimas condições de erros, a oferta de todas as informações necessárias para o “bom atendimento escolar”.

No enunciado de R2, “**a formação que tive contribuiu para aumentar meus conhecimentos**”, o uso da primeira pessoa marca a posição do “eu” – pessoa na instauração do sujeito no ato discursivo, ao mesmo tempo, faz ocorrer a chamada “*confissão do sujeito*”, que deixa um fosso, difícil de transpor, entre a teoria e a prática, conforme nos ensina Coracini (2007, p. 38). Também faz emergir o efeito de sentido sobre a formação, inferindo que os cursos, não raro, atribuem ao sujeito técnico uma identidade fixa, estável, montada sobre binarismos – desconsiderando a complexidade que envolve o sujeito, proveniente de sua história de vida –, por isso, postula-se a heterogeneidade do sujeito e questiona-se a sua identidade. Identidade que não é completa.

O uso das formas verbais “**tive**” e “**contribuiu**”, mesmo fora do escopo de “**hoje**”, produz um efeito de sentido de “*confissão*”: o técnico não possuía informações anteriores na área de conhecimento *online*, reforçando o estereótipo do “técnico não capacitado”. Percebe-se, com base na análise realizada, a invasão do desejo de verdade, de completude nos discursos – escrita de si que move um sujeito que almeja a completude e a realização. Nesse sentido, Santandel (2013, p. 22) afirma:

A representação do técnico pelo olhar do outro desconstrói o discurso institucional que elege a “bandeira” da qualificação e da valorização profissional como medida qualitativa

para a melhoria da educação pública, uma vez que faltam mecanismos de infraestrutura e recursos humanos para que tais realizações se concretizem – a começar pela continuidade dos estereótipos nas unidades escolares.

Nesse contexto, existe a situação política/ideológica proveniente das condições de produção que molda o evento “formação”. Desloca-se a imagem do sujeito de “antes” para o de “agora”, em que as condições de produção dos discursos são interpeladas pela ideologia da sociedade globalizada. Portanto, a resistência está na possibilidade que o técnico possui de ilusão da verdade, em pensar no (poder) que tem em controlar esse conhecimento (conforme o uso do verbo contribuir), como se fosse possível “carregá-lo” de um lado para outro, dentro do contexto escolar (FOUCAULT, 2004). Para nós, linguistas, o poder está presente nas relações discursivas que estabelecemos. É uma teia movida pela subjetividade. A teia está presente sem que a percebamos. Coracini (2003) afirma que é o mesmo e o diferente, por isso, é rizoma conforme Deleuze e Guattari (2012, p. 28), enquanto articulamos na memória discursiva.

Tanto nos enunciados de R1 quanto em R2, o sintagma “**a formação que tive**” instaura a referência de um momento atual, mobilizando o efeito de sentido de “adestramento de si”, como se o sujeito TSE se encontrasse em “lapidação” ou se encontrasse pronto para se autoadestrar (FOUCAULT, 1990, p. 144), colocando os domínios de aprendizado no corpo e na carne. Dessa forma, o exercício pós-formação estaria dentro das expectativas do “cuidar de si e cuidar dos outros”, enquanto “profissional” diplomado.

O sintagma “formação”, conforme Michaelis (2008, p. 396), representa (i) caráter, constituição; (ii) disposição ordenada, ato ou efeito de transformar. Em R1 e R2, esse mesmo sintagma promove o efeito de sentido semântico de potencialidade em relação à posteridade vivenciada pela categoria que se encontra historicamente constituída. É ativada, com esse uso semântico, a memória do passado. Anula o efeito efêmero da formação, tornando-se a partir do contexto da vontade de verdade, algo completo, suficiente e de pertencimento. Para o TSE, movido pelo desejo de completude, instaura a positividade do evento da formação, como sendo possível ter alcançado a autonomização em sua prática cotidiana. Nesse contexto, o discurso formativo mobiliza outros sentidos conforme Santandel (2011, p. 6),

A formação do servidor contempla os discursos técnicos pedagógicos de que o sujeito capacitado é o que cumpre “silenciado” suas rotinas, age em democracia – para assegurar a ação/reação ditas de qualidade” em seu local de atuação. Esse comportamento mascarado pelo fazer enaltece o papel do Estado em seu discurso normativo enquanto fomentador da capacitação em serviço e da “oportunidade da melhoria da educação pública.

Conforme exposto, o papel do Estado é de gerenciador em diferentes aspectos, consequência da dinâmica existente da globalização. Portanto, o deslocamento presente nesse enunciado “**a formação que tive**” relaciona-se à formação recebida e à possível atuação do TSE, diretamente relacionada ao cotidiano do sujeito. Uyeno (2011, p. 63) afirma que “um bom relacionamento com as pessoas ocasiona uma boa relação consigo mesmo”. Nesse sentido, a formação ultrapassa a expectativa meramente formativa, burocrática, gerencial e perpassa a constitutividade, a subjetividade. De uma forma prática, exemplifica, nesse ato formativo, a intervenção prática de “um cuidar de si” pelo olhar do Estado, a agência formadora, o que Revel (2005, p. 34) sinaliza como “poder bem governar a cidade”.

Considerações Finais

Percebe-se, com base na análise realizada, a invasão do desejo de verdade, de completude nos discursos – a escrita de si que move um sujeito que almeja a completude e a realização. Em relação ao momento histórico e institucional, é como fomentador da melhoria no

espaço escolar, dentro da concepção positivista de políticas educacionais.

Ao enunciar, o sujeito mobiliza no discurso a agregação de poder/saber, cujo efeito de sentido desloca-se para além da formação recebida, alcança o patamar dos valores como consequência do conhecimento “adquirido”.

Conforme hipótese citada, a partir da escrita de si, encontra-se o sujeito TSE, cujo construto identitário está em movência, envolto por nuances midiáticas, tecnológicas, diferente de tempos anteriores. O conhecimento alcançado com o aprendizado pauta-se em metas institucionalizadas; estimula-se, no TSE, a ilusão de completude, permitindo o efeito de sentido de gozo, em relação ao passado historicamente constituído de lutas, reivindicações e conquistas.

Nesse processo de construto identitário, ocorre o deslocamento da imagem do sujeito de “antes” para o de “agora”. Tal deslocamento acontece em relação aos docentes, reforçado pelos aspectos somados ao desejo de formação, que promove a ilusão de verdade (resistência) enquanto zona de pertencimento diante da atualidade vivenciada no espaço escolar. Nesse espaço, as condições de produção dos discursos são/estão interpeladas pela ideologia da sociedade globalizada.

A representação que perpassa esse sujeito TSE está relacionada a ser visto pela horizontalidade – cultura da homogeneização escolar. Esse aspecto é reforçado com as políticas do capitalismo globalizado, que não permitem ao sujeito desprender-se das relações de saber/poder e, como consequência, carrega em si a alteridade.

Na escrita de si, emerge o sujeito com construto identitário em constante fluidez, que vivencia e experencia contato(s) constante(s) com o “novo”, com as TICs, sendo impulsionado a novas nuances de atuação e participação que estão em constante vigilância, dentro de normatizações prescritas pelo arcabouço do sistema *online*.

Os resultados apresentados emergem a representação do Técnico em Secretaria Escolar como sujeito que se encontra-se à margem e sem voz, mesmo após a capacitação recebida, enquanto servidor público. As reflexões expostas abrem espaços que permitirão novos caminhos, capazes de apontar novas (re)significações e, assim, novas análises da(s) representação(ões) dos sujeitos técnicos “confessos”.

Referências

CORACINI, M. J. **A celebração do outro**: arquivo, memória e identidade. Campinas: Mercado das Letras, 2007.

_____. Subjetividade e identidade do(a) professor(a) de português. In: _____. (Org.). **Identidade & discurso**: (des)construindo subjetividades. Campinas: Unicamp; Chapecó: Argos Editora Universitária, 2003. p. 239-255.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia, v. 2, Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2012.

DERRIDA, J. Freud et la scène de l’écriture. In: **L’écriture et la différence**. Paris: Seuil, 1967.

DIAS, C. **Da corpografia**: ensaio sobre a língua/escrita na materialidade digital. In: Experimentando a diferença do digital. Santa Maria: UFSM, PPGL, 2008.

FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**. Trad. de Márcio Alves Fonseca e Salma Tannus Mu-chail. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Trad. Maria Thereza da C. Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

_____. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987 [1975].

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz T. da Silva e Guaciara L. Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: São Paulo: DP & A, 2005.

LACAN, J. **Seminário 20: Mais, ainda**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

_____. (1974-75). **Seminário 22: RSI**. Inédito, Aula de 10 de dezembro de 1974.

LÉVY, P. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

_____. **As Tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Trad. de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: 34, 1993.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para escrita: atividades de retextualização**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

MATO GROSSO DO SUL. **Diário Oficial nº 8.063 de 07 de novembro de 2011**. Imprensa Oficial do Estado de Mato Grosso do Sul. Disponível em: <http://www.imprensaoficial.ms.org.br>. Acesso em: 02 fev. 2020.

MICHAELIS. **Dicionário escolar inglês**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2008.

MILNER, J. C. **O amor da língua**. Trad. de Paulo Sérgio de Souza Júnior; revisão técnica: Cláudia Thereza Guimarães de Lemos e Maria Rita Salzano Moraes. Campinas: Editora da UNICAMP, 2012.

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

NOLASCO, E. C. **A (des)ordem epistemológica dos discursos fronteiriços**. In: CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: ocidente/oriente - migrações. Campo Grande – MS: Editora UFMS, v.8, n.15, abril/2016.

ORLANDI, E. P. Língua, Comunidade e Relações sociais no espaço digital. In: DIAS, C. **Eurbano: Sentidos do espaço urbano/digital** [online]. 2011. Consultada no Portal Labeurb. Disponível em: [ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 8. ed., Campinas: Pontes, 2009.](http://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano/Laboratorio%20de%20Estudos%20Urbanos%20-%20LABEURB/Núcleo%20de%20Desenvolvimento%20da%20Criatividade%20-%20NUDECRI, Universidade de Campinas: Editora UNICAMP. Acesso 20 mai. 2018.</p></div><div data-bbox=)

_____. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis: Vozes, 1996.

ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento: as formas de discurso**. São Paulo: Pontes, 1987.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Trad. Eni P. Orlandi [et al.]. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988 [1975].

REVEL, J. **Michel Foucault: conceitos essenciais**. Trad. de Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez, Carlos Piovesani. São Carlos: Claraluz, 2005.

RIGHI, E.; AMARANTE, M. de F. **O sujeito prêt-à-porter**. Consumo e construção de subjetividades na contemporaneidade. *Revista AGÁLIA* nº 112, 2º Semestre, 2015, p. 73-98.

SANTANDEL, M. A. da S. **Servidor X Marcas Virtuais em Fotolog: (des)identidade, (dis)curso e Memória.** *Revista RAÍDO* nº 13, v. 7, jan./jun.2013, Dourados: UFGD, p. 161-183.

_____. **Marcas da escrita virtual em fotolog: (des)identidade, (dis)curso e memória.** 2012. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2012.

_____. **A escrita virtual e as relações de poder: fotolog.** Disponível em: <http://www.cepad.net.br/linguisticaelinguagem/EDICOES/14/14.htm> - Web Revista: Questões de Língua/Linguagem. Edição: 14. Campo Grande: CEPAD, 2011. Acesso em: 05 mai. 2020.

UYENO, E. Y. Cibersujeitos e transferência: para além do sujeito fractal e da pharrhesia na correspondência entre orientador e orientando. In: CORACINI, M. J. *et al.* (org.) **Da letra ao pixel e do pixel à letra: uma análise discursiva do e sobre o virtual.** Campinas: Mercado das Letras, 2011. p. 47-78.

Recebido em xx de xxxxx de 2020.
Aceito em 20 de outubro de 2020.